



BIG IDEAS
on global issues



Global
Education
Time

DESIGUALDADES MUNDIAIS

CONCEITOS CHAVE &
RESULTADOS DE
APRENDIZAGEM



Novembro
2024



Ficha Técnica:

Título:

Desigualdades mundiais: Conceitos-chave & resultados de aprendizagem

Autoria:

CISP - Comitato Internazionale per lo Sviluppo dei Popoli

Revisão e atualização:

Mariza Soares – Emosciência (Brasil)*

Elson Silva – Emosciência (Brasil)*

Miguel de Barros (Guiné Bissau)*

Alexandra Dias da Silva

Amanda Franco

La Salette Coelho

Sandra Oliveira

*Na medida do possível, procurámos evitar uma abordagem eurocêntrica das temáticas. Nesse sentido, promovemos uma revisão dos materiais por colegas do Sul Global.

Edição:

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo
& 4Change

Ano de publicação:

2024

Conceção gráfica:

Zerogravità - Agenzia creativa

ISBN: 978-989-8756-76-3

DOI: 10.57910/ipvc-ese-978-989-8756-76-3



1 O QUE É A DESIGUALDADE

A desigualdade é um indicador político que impede o direito a uma vida digna à maior parte da Humanidade. Não se refere apenas ao rendimento em si e ao acumular de riqueza. Trata-se da limitação do acesso às ferramentas que deem a oportunidade de escolher o próprio caminho. Além disso, a desigualdade pode ser perpetuada por situações políticas historicamente mantidas, que impedem grupos e indivíduos de alcançar a prosperidade a que deveriam ter direito, devido a limitações estruturais que dificultam o reconhecimento das suas competências e méritos. As pessoas com rendimentos mais elevados têm, geralmente, um melhor acesso a serviços e oportunidades. Têm, também, menos situações em que os seus direitos humanos básicos são violados. Nascer numa família rica ou numa sociedade rica, na maioria das vezes, determina quem pode ou não desenvolver as suas potencialidades. Aqui, focamo-nos na desigualdade económica e social, sem ignorar que género, competência, sexualidade e raça são dimensões interconectadas. Neste sentido, as desigualdades sociais são manifestações de injustiça social e não devem ser confundidas com a diversidade humana, que deriva da singularidade de cada pessoa. De facto, respeitar a singularidade de cada indivíduo é um direito fundamental de que qualquer cidadã ou cidadão deve usufruir numa sociedade equitativa: o direito de uma pessoa ser ela mesma. Portanto, a igualdade social não se trata de apagar as diferenças, mas de afirmar e celebrar a diversidade humana dentro de uma estrutura de paridade participativa.

O Relatório do Desenvolvimento Humano de 2019 (PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) destaca que, em todos os países, há uma ausência de perspetivas de um futuro melhor para muitas pessoas. A falta de esperança, propósito e dignidade tornam estas pessoas vulneráveis na sociedade, enquanto outras pessoas conseguem vislumbrar uma prosperidade cada vez maior. O mesmo Relatório revela que, “a nível mundial, muitos escaparam à pobreza extrema, mas são ainda mais os que nunca tiveram recursos para gerir as suas vidas. O género, a etnia e a riqueza dos pais ainda determinam, com demasiada frequência, o lugar de uma pessoa na sociedade”¹.

Desde 2020, o mundo testemunhou a duplicação da riqueza dos cinco principais multimilionários, enquanto quase cinco mil milhões de pessoas, em todo o mundo, resvalaram para uma situação de pobreza. A dura realidade persiste – serão necessários 230 anos para erradicar a pobreza, mas alguém que seja trilionário pode aparecer na próxima década.

[1] <https://hdr.undp.org/system/files/documents/hdr2019overview-pt.pdf>



Globalmente, existe um pequeno número de pessoas super-ricas e a maioria delas vive no Norte Global. "Apesar de representarem apenas 21% da população global, os países ricos do Norte Global controlam 69% da riqueza global e albergam 74% da riqueza bilionária do mundo", o que revela a disparidade de rendimento entre países a nível mundial (Oxfam, 2024²). Contudo, importa enfatizar que a má distribuição da riqueza não é maniqueísta, pois não se trata de uma questão de Norte Global contra Sul Global. Embora existam históricos agregados de acumulação de riqueza no Norte Global, há bilionários onde houver miséria. Em janeiro de 2024, num total de 3.279 bilionários, 1.171 eram do Sul Global³. E estas pessoas são apátridas, pois têm ganhos em todo o planeta. Não se trata, portanto, da presença da riqueza, mas de uma estrutura política que compreenda que esta desigualdade não é coerente com o esforço de uma vida digna para quem está numa situação de vulnerabilidade. Este movimento global pode ser observado no estudo de referência de Branko Milanovic. Com a "Curva do Elefante", demonstrou que a globalização entre 1988 e 2008 beneficiou as classes médias mais ricas de qualquer parte do mundo, assim como as classes médias das economias emergentes (tal como a China, a Índia, a Indonésia e o Brasil), sob prejuízo das pessoas mais pobres, tal como agricultores no continente africano, e da classe trabalhadora dos antigos países comunistas da Europa Oriental. Enquanto o grupo 1% mais rico do mundo aumentou massivamente a sua riqueza, independentemente do local onde se encontravam, as pessoas mais pobres permaneceram nos mesmos espaços, sem possibilidade de ascensão⁴.

Respostas recomendadas pelo Banco Mundial, tal como a austeridade fiscal e o aumento de juros, dirigidas a diminuir o consumo e aumentar rendimentos financeiros, não alteram esse cenário. É preciso pensar em reformas estruturais que esbarrem nos interesses dos grupos que controlam o poder financeiro. Não é uma questão de tecnologias disponíveis para acabar com a fome. Existe um processo sistemático de manutenção desta estrutura injusta. Thomas Piketty (2014) sugere impostos progressivos para as pessoas mais ricas e o fortalecimento de políticas redistributivas. Amartya Sen (1999), Ha-Joon Chang (2007) e Godwin Onuoha (2008) reconhecem que o Estado tem um papel importante na resolução deste problema estrutural, ao fomentar políticas públicas que priorizem o acesso a recursos essenciais, como educação e saúde, e ao demonstrar interesse efetivo em absorver talentos para quebrar ciclos de dependência global.

A América Latina é um exemplo disso, porque poucas famílias e elites beneficiam do fluxo de riqueza global. A maior parte da população que viveu nos últimos 50 anos permanece abaixo da linha de pobreza.

[2] <https://policy-practice.oxfam.org/resources/the-commitment-to-reducing-inequality-index-2024-621653/>

[3] https://www.hurun.net/en-US/Info/Detail?num=K851WM9421_BU

[4] <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55890047>



O relatório da ECLAC/CEPAL (Economic Commission for Latin America and the Caribbean), de 2018, denominado "Panorama Social da América Latina" – e anterior à pandemia, onde esses abismos se aprofundaram – demonstra que o desenvolvimento sustentável não pode ocorrer num cenário tão desigual. Para além disso, Vandana Shiva (2016) aponta a sistemática quebra das sabedorias ancestrais, especialmente as tuteladas por mulheres, em nome de ganhos industriais que custam a diversidade, a variabilidade genética e a alimentação saudável, e que também impactam nessa dignidade.

Em suma, as diferentes formas de injustiça social tanto podem causar como resultar umas das outras. Não é incomum, por isso, que as pessoas se vejam sujeitas a múltiplas formas de injustiça em simultâneo. O conceito de interseccionalidade é comumente utilizado para assinalar as formas como vários tipos de desvantagem social — como a pobreza, a discriminação racial ou étnica, a desigualdade de género e outras — interagem e se agravam mutuamente, intensificando os seus efeitos. Porém, as desigualdades mundiais devem ser entendidas como uma forma de injustiça social global, sendo não só económica, mas também social, cultural e política, e influenciando quem tem a capacidade de participar plena e justamente na tomada de decisões globais.

Como se mede a desigualdade de rendimentos?

A desigualdade de rendimentos pode ser medida entre países ao medir o rendimento identificando os países de elevado rendimento e os países de baixo rendimento. Pode, também, ser medida dentro dos países. Atualmente, a desigualdade em termos de rendimento está a diminuir entre as nações, mas o fosso continua enorme. Dados do FMI mostram que, entre 2019 e 2022, quem vivia num dos 30 países mais ricos do mundo ganhava, em média, 82 vezes mais do que uma pessoa comum a residir num dos 30 países mais pobres do mundo. Por outras palavras, nascer num dos 30 países mais ricos do mundo é ganhar, em quatro dias, o que um habitante dos 30 países mais pobres ganha num ano. Além disso, a desigualdade dentro dos países está a aumentar – existe um fosso cada vez maior entre pessoas ricas e pessoas pobres. A desigualdade tem um efeito negativo, tanto no bem-estar de uma pessoa como na sua esperança média de vida. Assim, “reduzir” as desigualdades é essencial para diminuir a pobreza. Caso o coeficiente de Gini africano fosse igual ao da Ásia em desenvolvimento, o nível de crescimento que apresentou entre 1990-2016 teria retirado mais 130 milhões de pessoas da pobreza” (AUC/OECD, 2018⁵).

Contudo, os países podem tornar-se cada vez mais ricos, mas ainda assim apresentar muita desigualdade (e pobreza). O crescimento económico, por si só (PIB)⁶, não melhora necessariamente a vida de todas as pessoas. Depende da forma como a riqueza é distribuída. Por exemplo, a diferença na esperança média de vida entre as regiões ricas e pobres nos EUA é superior a 20 anos⁷.

[5] https://www.oecd.org/pt/publications/2018/07/africa-s-development-dynamics-2018_g1g906a2.html

[6] PIB = Produto Interno Bruto. Os governos utilizam frequentemente este indicador económico para medir o crescimento.

[7] <https://www.theguardian.com/inequality/2017/may/08/life-expectancy-gap-rich-poor-us-regions-more-than-20-years>



A ONU adoptou o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁸ para encorajar os países a concentrarem-se nas pessoas, e não apenas no crescimento económico. O IDH mede os níveis de saúde, educação e nível de vida para aferir, aproximadamente, o “bem-estar” das pessoas comuns (ou o estado de desenvolvimento de um país). O IDH mostrou que os países podem fazer mais pela sua população através das escolhas dos governos, por exemplo, em termos de recursos humanos, proporcionando saúde pública e educação gratuitas para todas as pessoas.



Objetivos de aprendizagem

- Cada estudante deverá ser capaz de explicar o que é a desigualdade global. Deverá ser capaz de compreender os múltiplos fatores que interferem na desigualdade global. Deverá ser capaz de identificar as desigualdades atuais entre países e dentro dos países, incluindo condições que mantêm alguns países vulneráveis. Deverá ser capaz de explicar a construção de indicadores de desenvolvimento humano, como o IDH. Deverá ser capaz de descrever as diferentes formas de injustiça social que constituem as desigualdades sociais e como estas interagem entre si. Deverá ser capaz de argumentar que uma forma específica de desigualdade ocorre quando as diferenças culturais não são reconhecidas.

2 IGUALDADE NO MUNDO

É possível construir a igualdade no mundo?

As ideias de justiça e igualdade são inatas nos seres humano; as próprias crianças têm uma consciência e uma resposta à desigualdade. Embora a desigualdade tenha sido uma característica de muitas sociedades humanas ao longo da História (principalmente nas culturas ocidentais e capitalistas modernas), também houve movimentos para corrigir esta situação, inspirados no ideal de igualdade.

[8] <http://hdr.undp.org/en/content/human-development-index-hdi>



Em todo o mundo e ao longo da História, as pessoas tentaram igualar o poder e a riqueza – desde a Rebelião do Turbante Amarelo (China, 184 d.C.) e o Mazkadismo (Pérsia, 488 d.C.) até às Revoluções francesa, russa, chinesa e cubana (séculos XVIII, XIX e XX). Muitas das lutas de libertação nacional em África, do século XX (por exemplo, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, Tanzânia, Gana), procuraram abordar a desigualdade social e económica em relação ao ex-colonizador. Segundo o Relatório do Desenvolvimento Humano (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2019), “podemos corrigir as desigualdades se agirmos já, antes que os desequilíbrios no poder económico se consolidem politicamente”⁹.

Há países e organizações internacionais que estão a trabalhar para que se alcance a igualdade no mundo, sobretudo as necessidades fundamentais, os Direitos Humanos e a igualdade de género¹⁰. Nas culturas indígenas, a igualdade é a norma – falamos em termos gerais, mas sem universalizar, pois são milhares de comunidades, em diferentes espaços, tempos e formações culturais. A nível mundial, as pessoas indígenas são muito semelhantes na medida em que se baseiam no respeito – pelos processos naturais dos ecossistemas em que vivem, por todos os seres vivos e não vivos, e num sentido de responsabilidade para preservar tais ecossistemas para o futuro – é o caso do “Reahu” (dos Yanomami, um povo amazónico), uma série de códigos de partilha no momento da despedida e homenagem no funeral de pessoas ilustres, em que diferentes aldeias se unem e fortalecem vínculos comunitários.¹¹

Na América Latina, os povos Kichwa e Mapuche organizam as suas vidas em torno da tomada de decisões colectivas e da reciprocidade ecológica. Em África, o povo San mantém estruturas sociais igualitárias enraizadas na partilha e no consenso. Na Ásia, as comunidades Adivasi, na Índia, defendem a gestão comunitária da terra e as tradições ancestrais. Os Inuit, do Ártico, dão prioridade ao bem-estar coletivo e ao cuidado com o ambiente, enquanto os Māori, da Nova Zelândia, e os grupos indígenas, da Papua Nova Guiné, enfatizam o parentesco, a proteção da terra e as práticas sustentáveis.

Em várias culturas indígenas, as decisões baseiam-se no princípio do bem-estar de toda a comunidade, e não dos indivíduos, tendo em consideração a forma como as gerações futuras serão afetadas. O Buen Vivir (que significa bem viver ou bom viver) ou, do quíchwa, o Sumak Kawsay, é uma perspetiva filosófica e política que tem muitos assentamentos na América Latina, por se basear numa outra ótica de consumo e respeito pelos ecossistemas. Um legado daquela que foi, outrora, o mundo Inca, propõe outra relação de velocidades, cuidados e interconexão. Influenciou a Constituição do Equador e o Estado Plurinacional Boliviano.

[9] <https://hdr.undp.org/system/files/documents/hdr2019overview-pt.pdf>

[10] <https://www.afrobarometer.org/wp-content/uploads/2024/02/AD749-PAP6-Africanos-apoiam-a-igualdade-de-genero-mas-persi-stem-algumas-lacunas-Afrobarometer-Port-11jan24.pdf>

[11] <https://nexus.ifam.edu.br/index.php/revista-nexus/article/view/119>



Alberto Acosta (2016) apresenta esse corpus político como uma resposta global para um horizonte estratégico de continuidade convivente e aprendente.

As respostas que não considerem uma reorganização das cadeias produtivas e de consumo não resolverão as distâncias entre países ricos e países pobres, entre pessoas ricas e pessoas pobres. Existem grupos que, dentro da opressão, sofrem ainda mais, como mulheres negras, comunidades indígenas, pessoas refugiadas e migrantes forçadas. Importa reconhecer que existem outras formas de prosperidade e felicidade.

Atualmente, o principal objetivo do sistema económico global mais generalizado (o capitalismo) é criar riqueza. Em teoria, o dinheiro ganho por indivíduos bem-sucedidos escoaria para as pessoas pobres – o chamado “efeito trickle-down”. Os milhões de pessoas que vivem na pobreza atestam a falácia desta elaboração, e o próprio Banco Mundial (2024) reconhece a limitação desta compreensão. Ao constatar que as nações com um fosso crescente entre quem pode aceder a oportunidades na vida e quem não pode têm dificuldade em sustentar o crescimento económico e a estabilidade social ao longo do tempo¹². Em termos da qualidade de vida, o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e o IDHAD (Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado à Desigualdade) fornecem elementos que garantem atingir esses objetivos do crescimento económico e da estabilidade social¹³. Tais índices contrapõem a ideia de crescimento económico como motor de bem-estar, abrangendo dimensões como o bem-estar infantil, o consumo de drogas, a saúde mental, a criminalidade, os níveis de confiança e o envolvimento na vida da comunidade – indicadores que melhoram quando a sociedade é mais igualitária. É necessário, portanto, considerar outros indicadores, como o MPI – Multidimensional Poverty Index¹⁴ e, ainda sim, adotar um olhar crítico.

As desigualdades podem e devem ser combatidas. As ações individuais no dia-a-dia desempenham certamente um papel neste processo, mas uma mudança significativa exige também políticas de redistribuição, reconhecimento e representação articuladas, bem elaboradas e implementadas de forma eficaz — políticas suficientemente robustas para desconstruir e dismantelar as injustiças estruturais sobre as quais as sociedades capitalistas foram construídas. As políticas educativas oferecem uma oportunidade poderosa neste sentido, uma vez que, através da Educação, podemos aprofundar a nossa consciência sobre a injustiça social, aprender a promover a paridade participativa e, em última análise, capacitar-nos para construir uma sociedade mais justa.

[12] <https://www.worldbank.org/en/topic/isp/overview>

[13] https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Quality_of_life_indicators

[14] <https://hdrundp.org/content/2023-global-multidimensional-poverty-index-mpi>



Objetivos de aprendizagem

- Cada estudante deverá ser capaz de concluir que as ideias de justiça e igualdade parecem ser inatas nos seres humanos. Deverá ser capaz de referir exemplos de movimentos que visam criar sociedades menos desiguais. Deverá ser capaz de apresentar argumentos a favor e contra a desigualdade nas sociedades. Deverá ser capaz de explicar o que mede um indicador de qualidade de vida.

3

CAUSAS DA ACTUAL DESIGUALDADE INTERNACIONAL

A atual desigualdade económica entre países de alto e baixo rendimento tem raízes em processos históricos tais como a escravidão e colonização perpetrada em África, guerras e industrialização, bem como nos atuais sistemas comerciais e financeiros. A desigualdade mundial aumentou drasticamente durante e após a Revolução Industrial, quando as economias dos países industrializados cresceram rapidamente. O sistema económico global cingiu os países de baixo rendimento a termos de comércio e finanças que lhes eram menos favoráveis do que a países economicamente mais ricos e mais poderosos. Ainda hoje, as grandes empresas dos países industrializados de alto rendimento continuam a comprar matérias-primas baratas aos países de baixo rendimento, para fabricar produtos caros (como telemóveis), que são, depois, vendidos aos países de rendimento mais baixo. Muitos países de baixo rendimento ficaram endividados junto de instituições financeiras, nomeadamente o Banco Mundial, que são controladas por países de alto rendimento. É difícil para os países de rendimento mais baixo sair da dívida devido aos elevados juros que têm de pagar^[15]. Para uma vida digna, é fundamental ter-se segurança, água potável, energia elétrica, habitação e, sobretudo, acesso a cuidados de saúde, ao emprego e à educação. A ausência destes elementos revela as desigualdades no mundo, sobretudo entre Norte Global e Sul Global.

Mas as desigualdades económicas são apenas uma forma de injustiça social global. A injustiça cultural — tal como a injustiça epistémica — ocorre sempre que as diversas formas de conhecimento produzidas nos países ocidentais do Norte Global (incluindo o conhecimento científico) são arbitrariamente consideradas inerentemente mais válidas ou legítimas do que outras formas de conhecimento, produzidas tanto historicamente como atualmente nos países do Sul Global.

[15] <https://www.rfi.fr/pt/programas/convidado/20230624-d%C3%ADvida-africana-%C3%A9-rid%C3%ADcula-quando-comparada-com-pa%C3%ADses-do-norte>



Outra forma de injustiça global é a política, que ocorre quando a vontade dos governos do Norte Global é imposta aos do Sul Global, como se a vontade política das cidadãs e dos cidadãos do Norte Global tivesse mais peso do que a das cidadãs e dos cidadãos do Sul Global, reforçando uma hierarquia de influência que mina a igualdade democrática à escala global. Para combater eficazmente a injustiça global, as políticas internacionais devem ir além do combate às desigualdades económicas.



Objetivos de aprendizagem

- Cada estudante deverá ser capaz de compreender o histórico da desigualdade mundial e de reconhecer o seu impacto na atualidade. Deverá ser capaz de apresentar exemplos de como as relações internacionais passadas e atuais impactam a desigualdade mundial.

4

DESIGUALDADE E OUTRAS QUESTÕES GLOBAIS

Desigualdades globais: Que questões sociais e ambientais?

Nos parágrafos seguintes, descrevemos mais detalhadamente as ligações da desigualdade e de questões globais, nomeadamente a pobreza, a educação, os cuidados de saúde e o ambiente¹⁶.

5

DESIGUALDADE E POBREZA

A pobreza

A desigualdade e a pobreza estão interligadas¹⁷. Uma consequência da desigualdade económica global é que muitas pessoas que produzem coisas essenciais e que utilizamos todos os dias (como sapatos) recebem tão pouco que não têm dinheiro para as comprar elas próprias. Milhões de pessoas vivem em **pobreza absoluta**¹⁸ – não podem pagar as necessidades básicas, como a alimentação, alojamento e vestuário. 648 milhões de pessoas no mundo, cerca de 8% da população mundial, vivem em pobreza extrema, o que significa que subsistem com menos de 2,15 dólares por dia¹⁹.

As populações indígenas, que são as mais afetadas pela pobreza, devido à colonização e a outros fatores, representam, atualmente, apenas cerca de 6% da população mundial, mas, proporcionalmente, três vezes mais indivíduos indígenas vivem em pobreza extrema em comparação com outros grupos e culturas, especialmente na América Latina.

[16] A seguinte reflexão sobre as obras de Samir Amin explica o percurso sobre as desafiantes temáticas que atravessam a história da desigualdade e o seu reflexo atual:

<https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/samir-amin-um-dos-raros-cortadores-de-diamantes-de-seu-tempo/>

[17] <https://www.eapn.eu/what-is-poverty/causes-of-poverty-and-inequality/>

[18] <https://blogs.worldbank.org/en/voices/adjustment-global-poverty-lines>

[19] [https://blogs.worldbank.org/en/developmenttalk/half-global-population-lives-less-us685-person-day#:~:text=For%20more%20information%20on%20the,than%20US\\$242.15%20per%20day](https://blogs.worldbank.org/en/developmenttalk/half-global-population-lives-less-us685-person-day#:~:text=For%20more%20information%20on%20the,than%20US$242.15%20per%20day)



A pobreza relativa ocorre quando o rendimento familiar se encontra numa determinada percentagem abaixo do rendimento médio. Milhões de pessoas, tanto nos países ricos como nos países mais pobres, são afetadas pela pobreza relativa, que tem diferentes tipos de impacto nas pessoas.

Por exemplo, pode restringir coisas tangíveis, como o acesso aos cuidados de saúde, mas também coisas que são menos fáceis de quantificar, como a forma como as pessoas e as famílias se sentem em relação a si mesmas. A ideia da pobreza relativa é complexa, quando existem sociedades que associam prosperidade a um nível de consumo muito maior do que as suas necessidades. A reflexão sobre a pobreza deverá considerar não apenas o lugar, mas também, as influências de consumo, que podem ser bastante distintas dentro de uma mesma cidade ou país.



Objetivos de aprendizagem

- Cada estudante deverá ser capaz de explicar a diferença entre pobreza absoluta e pobreza relativa e o impacto dos padrões de consumo estimulados em cada forma de pobreza.

6

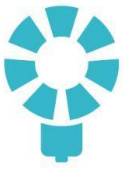
DESIGUALDADE E EDUCAÇÃO

entre outras coisas, aumenta as competências e os níveis de aprendizagem. No entanto, 250 milhões de crianças não frequentam a escola e 773 milhões de pessoas adultas são analfabetas. De acordo com dados da UNESCO, as taxas de alfabetização das mulheres adultas, nos países de baixo rendimento, eram de 53%, em 2020, em comparação com 69% para os homens²⁰. Por um lado, o Relatório "A Educação na África: colocar a igualdade no cerne da política" (UNESCO/CUA, 2023) alerta para o estado da educação no continente africano, descrevendo os progressos feitos no acesso à educação pelas crianças e os desafios enfrentados²¹. Por outro lado, a literacia reduz a desigualdade de género e a desigualdade em geral²². Assim, o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4, da Agenda 2030 da ONU, visa proporcionar uma Educação de Qualidade a todas as crianças e, assim, eliminar a disparidade de género. Um número suficiente de docentes, com formação atualizada e reconhecida, é outro aspeto fundamental deste processo. No geral, importa reconhecer que apenas o acesso à escola não é suficiente. É também necessária uma formação curricular que considere os Direitos Humanos e oportunidades para operar mudanças culturais.

[20] <https://www.statista.com/chart/30787/global-adult-literacy-rates/>

[21] <https://www.unicef.org/media/106916/file/%20Africa%20Education%20Report%20Summary%20POR%20.pdf>

[22] <https://ourworldindata.org/literacy>



Objetivos de aprendizagem

- Cada estudante deverá ser capaz de constatar que muitas crianças não têm a oportunidade de ir e permanecer nas escolas ou espaços formativos. Deverá ser capaz de explicar o papel da educação no combate às desigualdades sociais e económicas.

7 DESIGUALDADE E SAÚDE

A Saúde

A falta de acesso a cuidados de saúde é outra desigualdade social importante. Por exemplo, a mortalidade infantil no Chade é de 110 mortes por 1.000 nascimentos, em comparação com a Islândia, que é de 1,9 mortes por 1.000 nascimentos²³. Importa ressaltar que isto tem uma relação direta com a matriz da economia e a acumulação de riqueza. O Chade exporta bens, como petróleo e alimentos, mas não diversifica nem inclui um valor agregado na sua produção. A Islândia, por sua vez, tem políticas de distribuição de riqueza que são sistemáticas e monitorizadas desde os anos 90, e depois da crise de 2008. De novo, não falamos apenas do acesso à riqueza, mas também na criação de políticas que possibilitem ganhos públicos.

Muitos países mais pobres não podem dar-se ao luxo de investir nos cuidados de saúde universais. Consequentemente, 1 em cada 5 crianças em todo o mundo não tem acesso a imunizações essenciais²⁴. O relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS), de 2023, demonstra a fragilidade da cobertura universal de saúde e os níveis de desigualdade existentes. Descreve, igualmente, o impacto da pandemia COVID-19 no retrocesso dos progressos que se haviam alcançado²⁵.

Até 2022, mais de 27 milhões de pessoas com menos de 65 anos, nos EUA (ou seja, 10% da população), estarão sem um seguro de saúde e, portanto, sem acesso a cuidados de saúde básicos. As consequências desta situação não são apenas riscos para a saúde, mas também o risco de uma rápida deterioração da situação económica e, até, de falência pessoal. Esta desigualdade no acesso aos cuidados de saúde é fortemente influenciada pela etnia nos EUA. Em comparação, na República Checa, por exemplo, os cuidados de saúde estão disponíveis por lei a todas as pessoas residentes, não só para os cuidados de saúde básicos, mas também, na opinião de muitos sistemas estrangeiros, para cuidados "extra", como a reabilitação pós-operatória em termas.

[23] https://en.wikipedia.org/wiki/World_list_of_countries_by_infant_and_under-five_mortality_rates

[24] https://www.cdc.gov/global-immunization/fast-facts/?CDC_AAref_Val=https://www.cdc.gov/globalhealth/immunization/data/fast-facts.html

[25] <https://www.who.int/news/item/18-09-2023-billions-left-behind-on-the-path-to-universal-health-coverage>



Em 1948, a OMS declarou os cuidados de saúde universais como um direito humano básico. As taxas de mortalidade de crianças com menos de cinco anos caíram rapidamente, entre 2000 e 2015, diminuindo 44% a nível mundial. As mortes por malária também caíram para metade neste período. O ODS 3 da ONU, Saúde de Qualidade, visa garantir vidas saudáveis e bem-estar para todas as pessoas. Tal embora mais de metade do mundo não tenha acesso a serviços de saúde essenciais²⁶. As pessoas que conseguem usufruir de cuidados de saúde acessíveis constituem uma força de trabalho mais produtiva, fortalecendo a economia local e contribuindo para tirar os países da pobreza.



Objetivos de aprendizagem

- Cada estudante deverá ser capaz de explicar a ligação entre a desigualdade internacional e o acesso à saúde. Deverá ser capaz de analisar que alguns países podem pagar sistemas de saúde muito superiores em comparação a outros. Deverá ser capaz de concluir que os cuidados de saúde universais contribuem para tirar os países da pobreza.

8

DESIGUALDADE E AMBIENTE

A desigualdade também está fortemente ligada ao ambiente. De facto, a poluição e a degradação ambiental agravam a desigualdade e aumentam o fosso entre pessoas ricas e pessoas pobres. Por exemplo, a maioria das infraestruturas relacionadas com a poluição – nomeadamente minas, oleodutos, locais de armazenamento radioativo ou incineradores de resíduos – são deliberadamente construídas pelos governos em territórios de populações indígenas.

A investigação mostra que sociedades mais desiguais estão associadas a emissões de carbono mais elevadas²⁷. Fabricar coisas para atender à “procura do consumidor” tem impactos no ambiente. Ao mesmo tempo, os problemas ambientais podem exacerbar a desigualdade²⁸, aumentando o fosso entre pessoas ricas e pessoas pobres. Os países (e as pessoas) pobres são mais vulneráveis aos impactos negativos das alterações climáticas e dispõem de

[26] <https://www.bmi.com/content/382/bmi.p2160>

[27] <https://www.theguardian.com/inequality/2017/jul/04/is-inequality-bad-for-the-environment>

[28] https://www.un.org/esa/desa/papers/2017/wp152_2017.pdf



menos recursos para se adaptarem, em comparação com os países (e as pessoas) mais ricos, que produzem muito mais CO₂. As alterações climáticas estão a causar mais secas e cheias, que aumentam a pobreza. Dos 258 milhões de pessoas que enfrentam elevados níveis de insegurança alimentar aguda, mais de dois terços – 174 milhões – estão nessa situação devido ao clima e aos conflitos (ONU)²⁹.



Objetivos de aprendizagem

- Cada estudante deverá ser capaz de apresentar exemplos de ligações entre a desigualdade global e as questões ambientais.

9

DESIGUALDADE E OBJECTIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS)

Na sequência da preocupação com o aumento da desigualdade, os governos de todo o mundo uniram-se no âmbito da Organização das Nações Unidas e estabeleceram a Agenda 2030, que propõe os ODS. Esta é uma abordagem inovadora, porque **as metas aplicam-se aos 193 países**. O ODS 10 revela o compromisso de “Reduzir as desigualdades dentro e entre países” até 2030³⁰. Isto inclui aumentar o rendimento das pessoas pobres mais rapidamente do que a média nacional, reduzir o custo para as pessoas migrantes enviarem dinheiro para casa/o país de origem (“remessas”) e permitir que os países pobres exportem bens com isenção de tarifas. Pretende-se dar aos países mais pobres mais voz nas instituições globais que definem as regras, como o Banco Mundial e o FMI³¹. Os governos nacionais devem, também, prestar ajuda e investir mais nos países pobres. O ODS 10 articula-se com os ODS relativos à Saúde (ODS 3) e à Educação (ODS 4) para reduzir a desigualdade.



Objetivos de aprendizagem

- Cada estudante deverá ser capaz de descrever situações e iniciativas que colaborem com a redução das desigualdades dentro e entre países até 2030, especificamente o ODS 10.

[29] Para saberes mais, explora a Ideia Global - Alterações Climáticas em: XXX.

[30] <https://ods.pt/objectivos/10-reduzir-as-desigualdades/>

[31] <https://sdgs.un.org/goals/goal10>



Qual o papel da sociedade civil?

Muitos grupos e organizações estão a tomar medidas contra a desigualdade de rendimentos. Por exemplo, a Campanha da Dívida do Jubileu, iniciada entre 2000 e 2015, mas que continua ativa³², procurava cancelar a dívida dos países mais pobres, tendo conseguido o cancelamento da dívida de 130 mil milhões de dólares por parte de países mais pobres. "É fundamental o perdão da dívida para os países menos avançados". Outra medida fundamental nesta área é que permitiria cumprir os ODS no continente africano refere-se ao financiamento inovador para o desenvolvimento (Lopes & Kararach, 2022).

Uma solução para a desigualdade é o Comércio Justo³⁴, um movimento global com uma grande presença na União Europeia, e que representa um sistema de comércio internacional mais justo e equitativo. Implica pagar preços mais elevados pelos produtos produzidos nos países mais pobres, como o café e o cacau. Uma quantia extra no Comércio Justo é paga aos fundos comunitários, para pessoas que vivem da agricultura e em setores análogos utilizarem como acharem adequado, seja em educação, saúde ou infraestruturas na comunidade.

A Campanha Global pela Educação³⁵ (com membros em mais de 120 países) baseia-se na ideia de que a educação traz mais igualdade de oportunidades. Trabalha para garantir que todas as crianças tenham acesso a uma educação primária de qualidade.



Objetivos de aprendizagem

- Cada estudante deverá ser capaz de descrever algumas ações para reduzir a desigualdade global e os seus impactos. Deverá ser capaz de concluir que as ações que podem realizar enquanto indivíduos são importantes para fazer uma diferença a nível global. Deverá ser capaz de identificar uma pequena ação específica que podem realizar (individual ou coletivamente).

[32] <https://debtjustice.org.uk/>

[33] <https://www.publico.pt/2020/05/04/mundo/noticia/carlos-lopes-fundamental-perdao-divida-paises-menos-avancados-1914906?reloaded&rnd=0.825234667814446>

[34] <https://www.fairtrade.es/pt/o-que-e-comercio-justo/>

[35] <https://campaignforeducation.org/pt/>



Global
Education
Time

globaleducationtime.eu

Lead Partner



Project Partners



Associazione
Luciano Lama
O.D.V.



Programming period 2024-2027



Co-funded by the
European Union

This document has been produced by GET with the financial assistance of the European Union under the DEAR Programme. The contents of this document are the sole responsibility of GET and do not necessarily reflect the position of the European Union or the Programme management structures.